



Uma nova visão sobre
empreendedorismo

página 4

É lucrativo cuidar
do meio ambiente

página 14

A união faz a força

Ação estratégica para os
arranjos produtivos locais

página 6

Cooperar para competir

Reestruturação de ações do governo em APLs racionalizará procedimentos e incentivará a cooperação entre agentes locais de desenvolvimento

O trabalho em arranjos produtivos locais (APLs) é uma ação importante para o desenvolvimento econômico e tecnológico de regiões brasileiras. A criação do Grupo Interministerial de Trabalho (GIT) é uma iniciativa fundamental para estimular a expansão dos APLs.

Desde 1999, o IEL e o Sebrae atuam em diversos arranjos produtivos para capacitar a comunidade empresarial e outros agentes indutores do desenvolvimento para que atuem de maneira autônoma, porém coordenada. No primeiro momento, são desenvolvidas ações resultantes do consenso entre os diversos atores. Depois é feita a sensibilização dos envolvidos no processo e, logo em seguida, são realizadas discussões de problemas e potencialidades da região para que esses agentes possam atuar de maneira cooperada e planejada.

O modelo proposto pelo GIT nessa fase experimental de reestruturação do programa governamental confirma o acerto da metodolo-

FOTO: MARIO CASTELLO



gia que vem sendo aplicada pelo IEL. O grande avanço dessa ação é que os procedimentos serão racionalizados. Em vez de termos diversas entidades trabalhando de forma isolada, espera-se que haja uma atuação articulada, que otimize a aplicação de recursos.

Esse processo é um primeiro passo para a consolidação da governança, fundamental para o desenvolvimento de um arranjo

produtivo. E a mudança na forma de atuação do governo foi importante para isso, pois incentiva o cooperativismo, essencial para trabalhos que envolvam desenvolvimento de comunidades.

Com a cooperação, empresas organizadas em APLs se fortalecem, pois passam a elaborar táticas conjuntas para o aumento da competitividade da região. Mais do que competir entre si, elas precisam estar preparadas para competir no mercado global. Para isso, precisam enfrentar inúmeras barreiras que, talvez, sozinhas, fossem intransponíveis, mas que em conjunto, se tornam mais fácil de ser superadas. Despertar o espírito cooperativo é o que há de mais valioso e desafiador em ações em arranjos produtivos.



Carlos Cavalcante
Superintendente do IEL

Capacitação para concorrer

Ações do IEL preparam empresários para lidar com as novas bases da competitividade industrial



Com a abertura da economia nacional, na década de 90, as empresas brasi-

leiras passaram a investir mais na formação dos seus profissionais. Afinal, além de concorrer com produtos importados que invadiam as prateleiras, era preciso se preparar para participar do comércio internacional, que exige boas estratégias e muito conhecimento sobre os mercados a ser conquistados. Em 1998, uma pesquisa realizada pelo IEL entre as federações das indústrias de todos os Estados identificou a necessidade de desenvolvimento de ações na área de capacitação empresarial.

“O mercado apresentava demanda por constante aprendizado e qualificação. Os empresários queriam se preparar para lidar com as novas bases da competitividade empresarial, transformação das estruturas e estratégias empresariais e a formação de novos blocos econômicos”, conta a gestora de Projetos de Capacitação Empresarial do IEL, Heloisa Kehrig Ribeiro.

Naquele mesmo ano, a instituição começou a oferecer cursos voltados para qualificação dos dirigentes empresariais do País. Assim, o IEL complementa as ações do SESI e do SENAI na área de educação. “Nossas atividades são focadas na formação e especialização dos dirigentes”, explica Heloisa.

O primeiro programa foi o Formação de Novos Empresários e Dirigentes para Micro e Pequenas Empresas Industriais, desenvolvido entre os anos de 1998 e 2000 em parceria com o Sebrae e universidades. Foram oferecidos 23 cursos de extensão e especialização para 660 empresários de 16 Estados. Nos anos de 2002 e 2003, foi feita uma nova edição desse programa, que passou a oferecer 28 oportunidades de cursos, em 24 Estados.

NOVA VERSÃO

Para os próximos dois anos, o IEL prepara uma nova versão do projeto, na qual os cursos poderão ter 90, 180, 270 ou 360 horas/aula. A edição anterior era feita apenas em cursos de 180 ou 360 horas/aula. Além disso, a instituição apoiará 10 cursos voltados para formação e consolidação de arranjos produtivos locais (APLs).

Outra área que desperta muito interesse dos empresários é a de comércio exterior, já que as exportações de produtos manufaturados têm crescido anualmente. Por isso, também em parceria com o Sebrae, o IEL desenvolveu o

curso Como Exportar, do qual participaram 930 profissionais de micros e pequenas empresas de oito Estados e criou o manual Como Participar de Feiras, além de levar nove gestores para treinamentos em centros de negócios franceses.

Entre as parcerias internacionais, também estão o curso de capacitação no International Institute for Management Development, na Suíça, que foi oferecido entre 1999 e 2003, e o de Gestão Estratégica para Dirigentes Empresariais, no The European Institute of Business Administration (Insead), em Fontainebleau, na França.

FOTO: MIGUEL ÂNGELO



Heloisa: o mercado se prepara para formar novos blocos econômicos

Ambição em vez de sobrevivência

Brasil precisa de empreendedores que busquem oportunidades, não de novos negócios como fuga à falta de emprego

Você já pensou em abrir uma empresa ou tem planos de fazer isso no futuro? Se a resposta for sim, que bom: você já foi de algum modo atraído pela idéia do empreendedorismo. Os meios de espalhar essa cultura no País foram o centro das discussões do Terceiro Encontro Internacional de Empreendedorismo, que o IEL Pernambuco promoveu entre os dias 27 e 29 de setembro, com patrocínio da Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), órgão do Governo Federal, do Sebrae e da CNI.

Quem observar a quantidade de novos negócios no Brasil pode até achar estranha essa preocupação. Mas o problema, ressaltado por vários dos palestrantes no Recife, é que prevalece aqui o empreendedorismo de necessidade. Ou seja: muitas pessoas abrem um negócio não porque acham que vão enriquecer, mas porque têm poucas alternativas, ou nenhuma, no mercado de trabalho. É a sobrevivência no lugar da ambição.

A verdadeira pujança está no empreendedorismo de oportunidade, em que os benefícios se alastram por toda a sociedade. Nos Estados Unidos, negócios recém-criados são responsáveis por 50% dos empregos, segundo o professor Andrew Zacharakis, do Babson College, no Estado norte-americano



Zacharakis: empreendedorismo de oportunidades é o verdadeiro avanço

de Massachusetts, um dos palestrantes do encontro no Recife. Quando se pensa nos novos empregos, o número é ainda mais expressivo: 98%, ou seja, quase a totalidade, vêm de empreendimentos recentes.

REAVALIAÇÃO

Os esforços para incentivar novos negócios no Brasil não são recentes. As principais universidades do País, por exemplo, contam com incubadoras de empresas, que fornecem infra-estrutura provisória para os estudantes que querem fundar empresas. Os resultados, porém, nem sempre têm sido animadores.

“As incubadoras precisam ser reavaliadas”, afirmou no evento o superintendente nacional do IEL, Carlos Cavalcante.

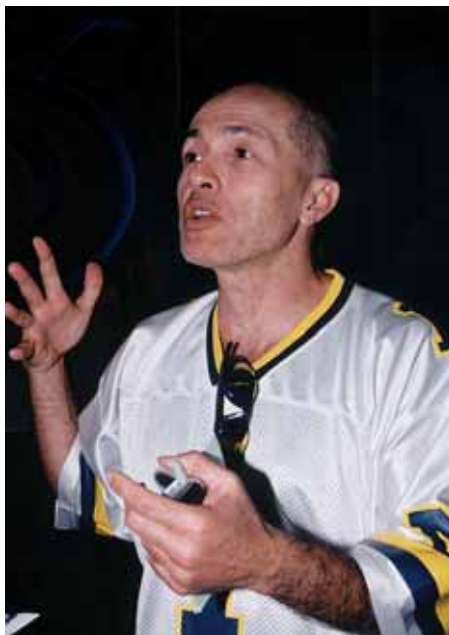
Para o professor de Ciência da Computação da Universidade Federal de Pernambuco, Silvio Meira, o principal problema das incubadoras está na direção: parte-se da idéia para a empresa. Ele é um dos fundadores do Centro de Estudos e Sistemas Avançados do Recife (Cesar), uma instituição sem fins lucrativos criada há oito anos que, como as incubadoras, se propõe a gerar novos negócios. Mas de modo inverso: parte de necessidades de grandes empresas na área de tecnologia e busca profissionais que tenham competência para fornecer a solução.

A taxa de sobrevivência dos empreendimentos criados pelo Cesar nesses oito anos de funcionamento é de 70%. “Acho que teríamos 30% de sucesso e 70% de fracassos se partíssemos da idéia para a empresa”, arrisca Meira. Apesar de ter sede no Recife, o Cesar mantém um escritório de vendas em São Paulo. De lá vêm 92% dos pedidos de soluções tecnológicas, que resultam em novas empresas ou encomendas para empresas que estão em fase embrionária no Centro.

Para o professor Louis Jacques Fillion, da Universidade de Mon-

treal, no Canadá, as incubadoras tradicionais erram ao apostar apenas na força de vontade de alunos que estão se formando. A experiência é fundamental, por isso ele sugeriu no encontro do Recife que as universidades aproximem os novos empreendedores de outros que já se aposentaram. A transmissão de conhecimento empírico, porém, é algo que pode vir também do aprendizado, como demonstrou o professor da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) César Simões Salim.

Ele aposta no estudo de casos, de sucesso e de insucesso, como um dos principais instrumentos para o ensino do empreendedorismo nas universidades. Mas o método é fundamental. "Alguns alunos que faltam a uma dessas aulas tentam recuperar o conteúdo, mas eu digo que não dá: o fundamental do processo é os próprios alunos, em conjunto, descobrirem as soluções", explica Salim. Segundo



Meira: busca de solução a partir da necessidade da empresa

Zacharakis, do Babson College, nos Estados Unidos é costume convidar o próprio empreendedor do caso que é estudado para conversar com os alunos.

A transmissão da experiência é, porém, apenas uma parte no processo. Segundo o canadense Fillion, é preciso uma série de modificações das leis e das atitudes dos governos, por meio de subsídios, de prioridades nas compras governamentais, no incentivo à formação de grupos de defesa dos interesses dos empreendedores, na promoção da cultura empreendedora entre minorias e até mesmo entre as crianças.

O professor citou o exemplo de um dos fundadores da República nos Estados Unidos, o presidente Thomas Jefferson (1743-1826): "Ele apoiava novos empreendedores com vigor."

INTERNET

Algumas dessas mudanças não são tão complexas, nem envolvem tantos recursos. É necessário, por exemplo, melhorar a apresentação de pesquisadores brasileiros na *internet*, de modo que o acesso a eles se torne mais fácil. A plataforma Lattes, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), dispõe de 408.427 currículos, mas apenas 14.800 aparecem numa pesquisa no sistema de buscas Google, segundo o professor Luc Quoniam, da Université du Sud, na França. Ele afirmou no encontro do Recife que seria possível melhorar isso apenas com maior cuidado com hiper-



Quoniam: pesquisadores precisam melhorar a apresentação na internet

texto e palavras-chave, de modo a facilitar a busca.

O principal foco do IEL no incentivo ao empreendedorismo tem sido as universidades. O *Programa de Ensino Universitário do Empreendedorismo (PEUE)* capacitou 1.100 professores de 220 instituições em 22 Estados desde 1998. Esses professores participaram de cursos especiais e transmitiram idéias sobre empreendedorismo a 112 mil alunos. "Quando o professor se apaixone pelo tema, consegue um caráter permanente ao processo de ensino do empreendedorismo", disse no encontro do Recife o professor Fernando Dolabela, parceiro do IEL no PEUE.

Os projetos em gestação no IEL atualmente visam ir além da universidade. Existem ações, em parceria com o SESI e SENAI, para difundir culturas empresariais nos jovens e programas orientados para potenciais empreendedores, bem como reforço na capacitação dos empresários.

Ação estratégica em APLs

Incentivo a arranjos produtivos locais ganha mais racionalidade com criação de grupo interministerial

O estímulo ao desenvolvimento de arranjos produtivos locais (APLs) no Brasil promete ter um grande impulso com o Grupo Interministerial de Trabalho (GIT) criado para coordenar todas as ações de organismos federais que desenvolvem programas nesses núcleos. O grupo é integrado por 25 instituições –

entre ministérios, bancos e agências de fomento, Financiadora de Estudos e Projetos (Finep), Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Agência de Promoção de Exportações, Sebrae, IEL, etc. –, que desenvolvem trabalhos junto com APLs. A grande novidade é que, com a metodo-

logia adotada pelo GIT, as ações do governo agora passam a ser formuladas a partir do diagnóstico global das necessidades do APL, feito conjuntamente com os agentes locais e organismos de fomento.

O primeiro passo é a sensibilização dos envolvidos – empresários, sindicatos, prefeituras, agentes

FOTO: GILSON ABREU



Em Cianorte, no Paraná, a organização dos empresários do pólo de confecções já deu resultados: emprega 12 mil pessoas em 350 empresas

Diagnóstico e planejamento garantem crescimento

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Flores: um levantamento completo dos problemas e potencialidades

Famoso, até poucos anos atrás, por produzir cópias baratas de móveis de marcas conhecidas, o pólo moveleiro de Ubá (MG) nem sonhava em exportar. Em 2002, porém, o recém-formado consórcio de exportação fez suas primeiras vendas para o exterior, no valor de US\$ 250 mil, número que quadruplicou no ano seguinte, quando o pólo passou a ter *design* próprio. Este ano, as exportações devem crescer mais 20% e mais ainda em 2005, quando entrará em operação o segundo consórcio exportador. Muitas empresas, que produziam móveis apenas para as classes C e D, hoje fabricam para clientes de classe A ou B. A metamorfose começou lenta desde que os empresários começaram a se unir para resolver problemas comuns e aumentar o valor agregado de seus produtos, mas só ganhou velocidade a partir de 2002, quando Sebrae, IEL e Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) se uniram para implementar um amplo e articulado projeto de desenvolvimento desse arranjo produtivo local (APL). O primeiro passo dos parceiros foi

sensibilizar e mobilizar os envolvidos para as vantagens do trabalho cooperativo. A partir daí, formou-se um Fórum com 23 instituições interessadas no desenvolvimento do pólo – IEL, Sebrae, MDIC, prefeitura, sindicato, fornecedores, bancos e agências de fomento, escolas, etc. Ao IEL coube o trabalho de diagnóstico. “O IEL visitou quase todas as empresas do pólo, levantando problemas e potencialidades de cada uma para traçar um quadro geral”, lembra Fernando Flores, diretor do sindicato local. A partir do diagnóstico, o fórum elaborou um planejamento estratégico.

Entre as 28 ações previstas estão a criação de uma central de fretes, de cursos de *design*, capacitação técnica, financeira, de gestão e para exportação. O Sebrae encarregou-se de ministrá-los e os resultados foram imediatos. Em 2003, o pólo lançou sua primeira coleção de móveis com *design* próprio, no I Salão de Design de Ubá. “Foram os primeiros móveis que pude exportar porque cumpriam os padrões técnicos exigidos lá fora”, conta Flores, cuja empresa prevê aumentar seu faturamento em

40% este ano. O pólo também ganhou um Grupo de Compras para fazer aquisições coletivas de matérias-primas e está organizando uma Central de Fretes, com caminhões compartilhados, que deverão reduzir custos e prazos de entrega. As metas do Plano Estratégico para este ano são elevar em 12% o volume físico das vendas, em 30% o faturamento e em 3% o emprego, reduzindo prazos (30%), custos de entrega (10%) e preço de insumos (5%). Ubá teve a sorte de estar em Minas Gerais, Estado onde o IEL foi pioneiro em focar seus esforços no estímulo para o desenvolvimento de APLs. Já em 1999, a Federação das Indústrias de Minas Gerais (Fiemg) mapeou e selecionou as 15 maiores aglomerações produtivas do Estado para iniciar o trabalho. Ubá estava entre elas.



No alto, fábrica do grupo mineiro Bom Pastor, participante do APL. Acima, Pavilhão de Exposições do Horto Florestal de Ubá (MG): 12 mil metros quadrados para feiras de móveis e de matérias-primas

financeiros, universidades, centros de pesquisa e desenvolvimento, SENAI, escolas técnicas, etc. – para as vantagens do trabalho cooperativo. A seguir, com a assessoria de instituições como o IEL, Sebrae e representantes do poder público, esses agentes levantam informações sobre o arranjo e discutem seus problemas e potencialidades.

A partir daí, elabora-se coletivamente um plano estratégico de desenvolvimento que norteará as ações dos vários órgãos que atuam no APL. A metodologia, que está sendo implementada pelo GIT em caráter experimental em 11 APLs de todo o País, confirma o acerto das práticas implementadas pelo Sebrae e pelo IEL desde 1999, quando começaram a desenvolver pioneiramente um trabalho focado no desenvolvimento de APLs (box página 7). “Nossa estratégia sempre foi mobilizar os agentes locais e traçar os programas a partir da demanda”, frisa Carlos Cavalcante, superintendente do IEL Nacional.

DIAGNÓSTICO

“Racionalizamos o processo”, explica Márcia de Souza Pontes, técnica da área de APL no Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC), órgão coordenador do GIT. “Agora, órgãos de apoio e membros do APL fazem juntos o diagnóstico das necessi-

dades e o desenho dos programas para atendê-las, distribuindo as tarefas de forma racional”, conclui. Ela destaca que o processo cria um embrião de governança centralizada, essencial para o desenvolvimento do APL. “Antes cada instituição escolhia um ator local como interlocutor, agora exigimos que eles se reúnam, discutam e apresentem um documento único com as demandas, o que favorece para que o cooperativismo amadureça.”



FOTO: DIVULGAÇÃO

Feira de Móveis de Ubá (MG): lojistas de todo o Brasil geram negócios de R\$ 110 milhões

O GIT, na verdade, representa apenas a culminação de um lento, ainda insuficiente, porém contínuo processo de crescente engajamento de organismos federais em ações de estímulo ao desenvolvimento de APLs, que teve início com a Finep, em 1999. Pouco a pouco, os órgãos de fomento foram percebendo que os resultados se potenciavam quando os programas eram implementados em arranjos produtivos e não em empresas individuais.

No Plano Plurianual 2004-2007,

o Governo incluiu um programa específico para desenvolvê-los. O modelo que o Governo tem em mente é o da Itália, país que desde a década de 70 cresceu a partir de aglomerados de pequenas e microempresas que foram estimuladas a se articular para trabalhar cooperativamente, com padrões de qualidade comuns, criando produtos com identidade própria, como o “presunto de Parma”. Hoje, esses distritos industriais são responsáveis por 52% das exportações italianas.

CRÉDITO

A decisão de apostar em APLs já resultou, por exemplo, na criação, pelo BNDES, de uma linha de crédito especialmente dirigida para financiar capital de giro para empresas de APLs: o Progeren, com juros de 1,06% ao mês e 12 meses de carência. O banco também lançou o Cartão BNDES, que desburocratizou o crédito miúdo:

micros e pequenas empresas que tiverem seu cadastro aprovado recebem um cartão com R\$ 50 mil em crédito para comprar insumos de fabricantes cadastrados. O banco está criando ainda linhas desenhadas sob medida para alguns APLs.

“No pólo calçadista de Nova Serrana (MG), por exemplo, estamos buscando a forma de viabilizar para que a cooperativa seja a tomadora do empréstimo para a construção do Centro de

Design”, conta Valéria Martins, gerente de Planejamento de Produtos do BNDES. Embora financie projetos em dezenas de APLs, o banco escolheu oito no Brasil como laboratórios prioritários para testar a adequação de seus produtos às necessidades desses núcleos. “O foco agora é partir da demanda do APL, ouvir empresários e formatar produtos a partir do que eles querem”, frisa Valéria.

O BNDES também está fazendo um levantamento completo dos aglomerados produtivos do País para identificar os de maior potencial e traçar programas voltados a desenvolvê-los, ampliando o número de APLs apoiados. Dias 26 e 27 de outubro, o banco promove um seminário sobre metodologia e instrumentos de intervenção em APLs, voltado a todos os agentes que atuam no seu fomento.

APOIO DO IEL

Simultaneamente, o IEL continua ampliando seu trabalho para os arranjos produtivos (box página 7). Em Minas Gerais, o Instituto já tem trabalhos consolidados em 14 e iniciados em outros sete. No Paraná, onde a iniciativa é mais recente, outros 15 APLs já elaboraram seu plano estratégico com apoio do IEL. Na Bahia, o trabalho começou há um ano com o APL de confecções, e já há outros sete recém-iniciados. Em Santa Catarina, Ceará, Acre e Alagoas, outros tantos. No total, 18 núcleos regionais do IEL dão andamento a projetos de desenvolvimento de APLs.

Por outro lado, o Programa de Apoio à Competitividade Industrial (Procompil), desenvolvido em parceria pela CNI e Sebrae Nacional tam-

No Paraná, os locais decidem

FOTOS: IEL-PARANÁ



Gina: discutir as soluções e decidir ajuda a desenvolver o cooperativismo

Os excelentes resultados levaram outros Estados a seguir o exemplo mineiro. O IEL do Paraná, por exemplo, mapeou este ano os maiores APLs do Estado e focou o trabalho em 15. Começou convidando o pessoal de Minas e especialistas internacionais para um *workshop* e optou pelo trabalho participativo. “Não nos baseamos no consultor de fora que analisa e formula soluções, mas em fazer com que os empresários e agentes locais discutam e decidam. Isso desenvolve mais rapidamente o cooperativismo”, explica Gina Paladino, diretora executiva do IEL paranaense.

Em alguns APLs, os resultados já são palpáveis, como no pólo de Confecções de Cianorte, que congrega mais de 350 empresas e 12 mil trabalhadores. Quase 70 pessoas, entre empresários e representantes de instituições de fomento e ensino, participaram da reunião de planejamento, que durou dois dias. Constataram que o crescimento do APL estava estrangulado por falta de mão-de-obra qualificada e de capital de giro. O SENAI assumiu a construção de uma escola-fábrica e dobrou o número de horas dos

cursos que oferecia. “Temos mil vagas abertas. Com os cursos, em três meses iniciaremos as contratações”, diz Wilson Becker, presidente da Asanorte, a associação dos empresários locais. O Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE) encarregou-se de divulgar no pólo as novas linhas de crédito oferecidas pelo BNDES. Cianorte apresentou 46 projetos ao Progeren, que financia justamente capital de giro para empresas de APLs, e espera a liberação para fins de outubro. “Com isso, deixaremos de pagar 5% ao mês para trocar cheques com agiotas”, diz Becker. Na área tecnológica, o IEL ofereceu uma “clínica” ao pólo: dois dias nos quais seis especialistas em fio, tecelagem e equipamentos realizaram 280 atendimentos para esclarecimento de dúvidas. Com isso tudo, a previsão é que o pólo aumente sua produção este ano em 20% e pelo menos oito empresas já estão com projetos de exportação, uma ambição impensável até o ano passado. A primeira missão comercial do grupo já visitou Chile, Uruguai e Itália.



APL de movelaria, em Arapongas: um dos 15 apoiados pelo IEL paranaense

FOTO: DIVULGAÇÃO



Móveis da Modecor, de Ubá (MG); antes do trabalho do IEL e do Sebrae só produzia para classes C e D



bém passou este ano a dar foco prioritário para APLs, que já representam 26 dos 55 projetos apoiados pelo programa. A característica central do Procompí também é partir da demanda dos APLs e envolver os empresários na elaboração do plano de desenvolvimento. Um bom exemplo da metodologia de trabalho e dos resultados conseguidos pelo programa é o APL da Rua do Uruguai, em Salvador (box ao lado).

Em Minas Gerais, o Procompí está obtendo excelentes resultados também com o pólo de biotecnologia da região metropolitana de Belo Horizonte. Embora a maioria de suas 52 empresas tenha nascido com ajuda da Fundação Biominas, o pólo não tinha nenhuma atividade cooperativa até poucos meses atrás. “Sempre estimulamos a cooperação, mas foi só a partir do trabalho de sensibilização feito pela Fiemg, IEL e Sebrae que as empresas começaram a perceber as vantagens de atuar juntas

e passaram a discutir problemas comuns, como lei de biossegurança, acesso a capital, consórcio de exportação”, conta Eduardo Emrich, presidente da fundação.

Nada menos que 36 das 52 empresas

do pólo participam da elaboração do planejamento estratégico do APL. Até os momentos informais vêm sendo produtivos: foi num almoço que vários fabricantes de vacinas resolveram organizar um seminário para discutir com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) os problemas da atual legislação do setor.

AÇÕES COOPERADAS

O Sebrae tem cadastrados cerca de 350 APLs no País, com os mais diversificados perfis. Alguns não passam de simples aglomerados de empresas de um mesmo setor com baixo nível de articulação entre elas, enquanto outros têm ações cooperadas para compras, distribuição, exportação, *design* e às vezes até centro tecnológico comum. Segundo estimativa do Sebrae, cerca de 80% desses aglomerados concentram-se nos setores de madeira, móveis, confecções, agro-negócio e turismo. Outros 20% estão relacionados à construção civil (de tijolos à extração e beneficiamento de rochas ornamentais), ao setor metal-mecânico ou a produtos de alta tecnologia, sobretudo na área da informação ou biotecnologia.

Na Bahia, união para enfrentar o mercado

Na Bahia, o IEL começou a trabalhar com APLs há três anos, dentro do projeto de estímulo a redes interempresariais. Logo o trabalho passou a ser feito em parceria com o Sebrae, no âmbito do programa Procompí. O primeiro trabalho sistemático da parceria foi no APL de Confecções da Rua do Uruguai, na região metropolitana de Salvador, que congrega cerca de seis mil trabalhadores e mais de 100 empresas que, até poucos meses atrás, tinham muito pouca cooperação entre si. Ao IEL, como de costume, coube a tarefa de mobilizar empresários e instituições parceiras para fazer o diagnóstico e planejamento estratégico. O trabalho resultou em diversos cursos de capacitação, na formação de embriões de grupo de compras e de dois consórcios de exportação, além do lançamento de uma marca comum por 18 empresas que, juntas, contrataram designer, agência de propaganda, assessoria de imprensa e consultores. Em novembro o grupo lança sua coleção de outono-inverno. “É a primeira vez que o pólo lança nacionalmente uma coleção, com a qualidade de *design* e a antecedência exigida pela grande indústria. Agora poderemos disputar os grandes mercados do País”, diz Rosemma Maluf, líder dos empresários do pólo e gestora do projeto. As metas para o primeiro ano são aumentar o faturamento em 30% e atrair novas empresas para o pólo.

GESTÃO ESTRATÉGICA PARA DIRIGENTES EMPRESARIAIS

4ª EDIÇÃO

exaworld.biz

INSEAD

2004

www.iel.cni.org.br/insead



O IEL Nacional une-se ao INSEAD, uma das melhores Business Schools do mundo em Educação Executiva, para oferecer um programa sob medida para empresários brasileiros. Curso ministrado em inglês com tradução simultânea para o português.

A oportunidade de atualizar conhecimentos e absorver os mais eficazes conceitos e ferramentas de gestão para garantir o sucesso da sua empresa no mercado global. Uma ação coordenada pelo Sistema CNI para melhorar a competitividade do setor produtivo nacional.

Inscrições

Ficha de inscrição on-line no site:
www.iel.cni.org.br/insead
* Número de vagas limitado.

Informações

IEL Nacional - Instituto Euvaldo Lodi
Tel.: (61) 317-9421/317-9425
insead@iel.cni.org.br

Fontainebleau - França
14 a 20 de novembro de 2004

INSEAD

CNI
SESI
SENAI
IEL

Bolsas para pesquisa e estudo

Lançada neste mês a edição 2005 do Projeto Bitec

O Instituto Euvaldo Lodi (IEL), juntamente com o Sebrae e CNPq, está lançando neste mês de outubro a edição 2005 do Projeto Bitec. O programa prevê mais uma vez a distribuição de 500 bolsas entre instituições de ensino superior em todo o País para o desenvolvimento de pesquisas e estudos, possibilitando desenvolvimento tecnológico, produtividade e competitividade em micros e pequenas empresas.

Com esta edição, o IEL cumpre a meta de convênio firmado para a distribuição de mil bolsas em um período de 24 meses, no ciclo 2004-2005. “Como previsto no convênio, não há alteração no processo seletivo para 2005. As mesmas regras

que valeram para este ano continuarão valendo para o próximo ano”, explicou Ana Maria Sampaio, gestora do projeto. Ou seja, os estudantes premiados com as bolsas serão selecionados a partir de comitês estaduais, formados por representantes do IEL e do Sebrae.

Ao final do convênio, os melhores trabalhos e monografias



FOTO: MIGUEL ÂNGELO

Ana Maria: para 2005 estão valendo as mesmas regras do ano passado

serão selecionados em âmbito nacional e editados na publicação de uma coletânea. “Os trabalhos serão avaliados e os melhores serão considerados destaques nacionais”, disse Ana Maria.

REGRAS

Os estudantes que participarem do programa receberão

por trabalho R\$ 300 mensais durante um semestre. O bolsista pode ter um trabalho fixo, devendo estabelecer um cronograma de visita à empresa selecionada.

Cada trabalho será orientado por um acadêmico escolhido pela instituição de ensino, que não pode pegar mais de duas supervisões. Cabe ao professor escolher uma empresa que, pelo critério do Sebrae, deverá ter até 99 funcionários, inserida na categoria micro e pequena empresa. Em contrapartida, o orientador, ao final do projeto, receberá um aporte financeiro da empresa patrocinadora a fim de cobrir os custos das visitas mensais que terá

de fazer à empresa.

Os estudantes selecionados poderão escolher entre os temas Gestão da Qualidade, Segurança do Trabalho, Preservação Ambiental, Construção Civil, Informática, Empreendedorismo, Biotecnologia, Comércio Exterior, Conservação de Energia, Gestão Organizacional e Agronegócios.

Benefícios para empresas

Encontro na Paraíba debate tendências do mercado, troca de experiências e parcerias



Romeiro, gestor da área de Estágio do IEL: destaque para troca de experiência

Atentas à formação acadêmica e profissional dos estudantes e ao impacto positivo do estágio no mercado de trabalho, muitas empresas têm incentivado cada vez mais a contratação de estagiários. Essa tendência foi um dos principais temas discutidos no Encontro Regional de Estágio - 3º Seminário: Estágio é um bom negócio e o 3º Seminário de Conselheiros Máster, realizado em Campina Grande, entre os dias 22 e 24 de setembro, promovido pelo IEL Paraíba e pela Escola Técnica Redentorista. "O encontro debateu ainda a troca de experiência empresa-escola e parcerias na promoção do estágio", segundo Ricardo Romeiro, gestor da área de Estágio do IEL.

Na ocasião, quatro empresas foram agraciadas com a Premiação Empresa Amiga do Estudante, por desenvolver ações que contribuíram para a melhor formação profissional dos jovens,

por meio do Programa de Estágios e Projetos de Inovação Tecnológica: Empresa de Correios e Telégrafos (ECT-PB), a Indústria e Comércio de Alimentos São Braz S/A, Sebrae/PB, e Saelpa/CELB. "É muito importante destacar a parceria do IEL neste processo", afirmou o diretor-superintendente do Sebrae, Marcus Guedes.

OPORTUNIDADE

Segundo Guedes, que também foi estagiário vinculado ao IEL, o estágio é muito importante para o estudante, pois é o início da familiaridade efetiva com a profissão. Ele destacou que, a longo prazo, o incentivo ao es-

tágio dá oportunidade a futuros profissionais não somente nas grandes, mas também em micros e pequenas empresas.

Na Paraíba, por exemplo, 99,1% das empresas estão inseridas nesta categoria. "É uma oportunidade para que, no futuro, o estudante possa inclusive abrir o seu próprio negócio", afirmou. A parceria entre funcionários efetivos e estagiários traz um resultado positivo para empresa. "Todos saem ganhando", disse.

O evento também apresentou trajetórias profissionais de sucesso em que o estágio foi fundamental. Gricélia Pinheiro de Melo, diretora administrativa e financeira do SESI/SENAI da Paraíba, explicou

que começou sua vida profissional em uma oportunidade de estágio na indústria de produção de óleos vegetais. "A partir daí, fui crescendo na profissão", contou.



Estudantes e interessados (ao lado) acompanharam as palestras de especialistas do País e do exterior (acima)

Produção limpa

Com nova metodologia, empresas têm retorno cinco vezes maior do que o investimento inicial

A Produção Mais Limpa, metodologia de racionalização do processo produtivo, minimização da utilização de recursos naturais e redução da produção de resíduos aplicada pelo IEL Santa Catarina, fez com que 26 empresas conseguissem resultados anuais cinco vezes maiores que os investimentos feitos em gestão ambiental.

As empresas investiram R\$ 2,2 milhões nos projetos e os benefícios econômicos anuais já somam R\$ 11 milhões. Elas reduziram o consumo de água em 230 milhões de litros por ano e o de energia elétrica em 1 milhão de kilowatts anuais. Já a geração de efluentes caiu em 100 milhões de litros por ano.

Segundo a coordenadora da Unidade de Instrumentos de Gestão do IEL, Priscila Souza, a metodologia é da Organização das Nações Unidas para

o Desenvolvimento Social (Unido) e do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (UNEP). O IEL-SC aplica a Produção + Limpa há seis anos.

BENEFÍCIOS

“A adoção do programa resultou em benefícios econômicos e ambientais de aproximadamente R\$ 1,5 milhão por ano à empresa”, diz João Stramosk, presidente da Metalúrgica Riosulense, de Rio do Sul. “Produzindo de forma mais limpa, a Riosulense ajudou a contribuir para melhorar o meio ambiente.”

“Uma grande vantagem do programa é que ele trabalha com grupos formados na própria empresa. O IEL apóia o processo, mas não faz o trabalho”, diz Wenceslau Fernandes das Neves, gerente-técnico da cerâmica Cecrisa, de Criciúma.

Participantes do programa

- Afonso da Silva – Ind. Com. de Arroz Ltda.
- Alimentos Nardelli Ltda.
- Brametal – Brandão Metalúrgica Ltda.
- Cooperativa Agrícola Mista Juriti Ltda.
- Cooperativa Central Oeste Catarinense – Aurora
- Cooperativa Regional Agropecuária Vale do Itajaí – Cravil
- Dalfovo Irmãos e Cia. Ltda. – Beneficiamento de arroz
- Metalúrgica Mecril
- Rudolph Usinados de Precisão
- Electro Aço Altona
- Caracol Geologia e Mineração Ltda. – Cerâmica Bosse
- Papanborg Comércio de Laticínios Ltda. – Laticínios Holandês
- Marisol S.A. Ind. do Vestuário – Marisol
- Marmoraria Florianópolis Ltda.
- Megaturbo Retífica de Turbos Ltda. – Turbosul
- Pesqueira Oceânica Ltda.
- Stylo – Indústria, Comércio e Prestação de Serviços em Alumínio Ltda.
- Fares Engenharia
- DVA Automóveis
- Cooperativa Agrícola de Jacinto Machado – Cooperja
- Cooperativa Agrícola de Turvo – Coopersulca
- Cerâmica CEUSA
- Metalúrgica Riosulense
- Molduras Heffting
- Cerâmica Eliane
- Cerâmica Portinari



FOTO: DIVULGAÇÃO FIESC

Reaproveitamento de água e de resíduos industriais sensibiliza os funcionários e gera economia

SENAI fortalece educação universitária

Entidade investe em cursos de graduação e pós-graduação em tecnologia

Cada vez mais o SENAI amplia sua atuação na educação de nível superior, com criação de cursos de graduação, especialização e mestrado. Esse crescimento representou no ano passado 44% das matrículas nos cursos de tecnologia de nível superior no Brasil.

O diretor-geral do SENAI Nacional, José Manuel de Aguiar Martins, diz que o ensino de nível superior foi uma decorrência natural, pois, ao longo dos anos, a entidade se transforma em um pólo nacional de geração e difusão de conhecimento. “A indústria brasileira vem apresentando crescentes níveis de exigência e complexidade na área do trabalho”, comenta.

Além do Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil (Cetiqt), no Rio de Janeiro, sete Departamentos Regionais oferecem cursos próprios de educação superior, enquanto outros 14 desenvolvem parcerias com as mais importantes universidades e centros de pesquisas do País. “Os nossos cursos superiores respondem à demanda do parque industrial brasileiro e preenchem uma lacuna deixada por universidades públicas e privadas”, lembra Alberto Borges de Araújo, coordenador da Unidade de Educação do SENAI Nacional.

A Faculdade SENAI-Cetiqt, no Rio de Janeiro, oferece cursos su-



FOTOS: SENAI-BA



Na Bahia: alunos de pós-graduação em Mecatrônica. O DR é um dos pioneiros em formação de nível superior

periores de *Design* de Moda e Engenharia Industrial Têxtil. Em março, o Departamento Regional lançou o Instituto SENAI de Educação Superior (ISES), que oferece cursos de pós-graduação *lato sensu* nas áreas de Automação Industrial dos Sistemas de Produção, Refino e Transporte de Petróleo e o de Gestão de Segurança Alimentar na Cadeia Produtiva de Alimentos e Bebidas.

O SENAI Bahia foi um dos primeiros regionais a oferecer cursos de pós-graduação, autorizado pelo Ministério da Educação (MEC). Recentemente, o MEC credenciou o primeiro Centro de Educação Tecnológica (CET) do regional baiano e autorizou o funcionamento, com o conceito “A”, de três cursos para formação de tecnólogos nas áreas de Soldagem, Mecatrônica Industrial e Logística.

Parcerias para o desenvolvimento

FOTO: DIVULGAÇÃO



Promover e estimular ações capazes de reduzir as desigualdades inter e intra-regionais é uma das principais atribuições do Ministério da Integração Nacional, que dispõe de programas específicos de desenvolvimento regional. No âmbito das parcerias em busca da promoção do desenvolvimento de sub-regiões que apresentam problemas de dinamismo econômico, o Ministério encontrou na CNI, no IEL e no Sebrae parceiros que carregam *expertise* e *know-how* na implementação de projetos de apoio e arranjos produtivos locais.

Essas parcerias têm aperfeiçoado a implementação da Política e dos Programas de Desenvolvimento Regional, fortalecendo os resultados e o processo de consolidação das estruturas sociais existentes no âmbito das Mesorregiões Diferenciadas, espaços prioritários de intervenção do Ministério, que constituem o Programa de Promoção da Sustentabilidade de Espaços Sub-regionais (Promeso). Para os nossos parceiros, portanto, essa articulação

representou o fortalecimento de um processo de desenvolvimento voltado para a dimensão regional.

Um exemplo concreto dos resultados obtidos com as parcerias em referência pode ser constatado no Promeso do Vale do Jequitinhonha e do Mucuri, que no exercício de 2003 aportou cerca de R\$ 1 milhão para o estímulo aos arranjos de gemas e artefatos de pedras e da caçaça de alambique, por meio de convênio celebrado com o IEL-MG, cujas metas e etapas estarão concluídas no final deste ano, destacando-se: a instalação de um centro de treinamento de lapidação e artefatos de pedra para ornamentação; o aporte de uma unidade transportável para treinamento *in loco* e a implantação de uma *trade*, no primeiro projeto, e a instalação de um centro de capacitação e serviços tecnológicos e a criação de quatro cooperativas, no segundo projeto.

Portanto, unindo os objetivos e atribuições institucionais, certamente serão perceptíveis a melhoria no padrão de distribuição regional da renda nas áreas selecionadas de intervenção, objetivo maior do Ministério da Integração, juntamente com a melhoria dos indicadores de desenvolvimento industriais, objetivo maior do IEL e da CNI, possibilitando o desenvolvimento de tecnologias e de inovações e a geração de emprego e renda.

Carlos Augusto Grabois Gadelha
Secretário de Programas Regionais do Ministério da Integração Nacional

Tecnologia da Informação –

Aproximadamente 250 empresas de TI européias e latino-americanas vão participar do Encontro Empresarial AL-Invest durante o AL-Partenariart, evento dos setores de Agroalimentos e Bebidas, Meio Ambiente e Tecnologias da Informação realizado de 22 a 24 de novembro, em Buenos Aires. As inscrições para as rodadas de negócios são gratuitas. Informações: (61) 317-9435.

Cooperação Empresarial – O

Encontro Empresarial AL-Invest realizado durante a Feira Internacional de Informática, Multimídia e Telecomunicações - Simo TCI 2004 será de 10 a 11 de novembro, em Madri. As inscrições para as rodadas de negócios são gratuitas. Informações: (61) 317-9435.

Empreendedorismo – A 3ª

Conferência Internacional de Pesquisa em Empreendedorismo na América Latina - 3ª Cipeal, evento promovido pela PUC-RJ, será realizado de 11 a 13 de novembro, no Rio de Janeiro. O objetivo é contribuir para o desenvolvimento de pesquisas que possam gerar novas políticas empreendedoras no cenário latino-americano. Informações: (21) 3114-1673.

Metrologia – Metrologia e a

Competitividade no Mercado Globalizado. Esse é o tema do IV Congresso Latino-Americano de Metrologia - IV Metrosul, a ser realizado em Foz do Iguaçu (PR), de 9 a 12 de novembro. Durante o evento será promovida a Reunião das Redes Metrológicas. Informações: (41) 241-1000 ou site www.metrosul.org.br.